



GT 043. Memórias Indígenas e experiências de construções

biográficas

João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, May Waddington Telles Ribeiro (Programa de Pós Graduação em Estado e Sociedade/UFSB) - Coordenador/a, Pablo Antunha Barbosa (UFSB) - Debatedor/a, Pablo Quintero (UFRGS) - Debatedor/a, Rita de Cássia Melo Santos (UFPB) - Debatedor/a

O GT busca reunir pesquisas que apresentem dados e interpretações novas sobre a continuada e persistente presença e protagonismo da população autóctone no Brasil no período colonial, no século XIX, na República e na atualidade. Partindo de reflexões teóricas dos campos da antropologia, sociologia, história e estudos literários, intentamos reunir biografias, trajetórias, histórias de vida, autobiografias, etnobiografias, dentre outras modalidades de narrativas biográficas, buscando dar conta das profundas intervenções que estas populações tiveram na constituição da história nacional bem como das modalidades de esquecimento e outrificação de que foram objeto. As mudanças sociais não serão tratadas apenas como fatos políticos e econômicos, mas como fenômenos sociais totais, envolvendo dimensões emocionais e afetivas, explorando aspectos contraditórios e ambíguos nas relações sociais, considerando também os contextos intersociais e buscando compreender o protagonismo e a agência permanentemente exercida pelos indígenas. O presente GT está relacionado ao desenvolvimento do projeto em rede "Os Brasis e suas Memórias: Os indígenas na formação do Brasil", coordenado por João Pacheco de Oliveira, que articula 22 universidades e que pretende através da elaboração de biografias sobre indígenas construir outras possibilidades de narrativas sobre a História do Brasil e a contemporaneidade dos povos indígenas.

Carijós ? reavivando a agência indígena

Autoria: Angelica Ripari, Florencio Rekaig Fernandes

Investigar uma população extinta é uma tarefa de muitas dificuldades, conseguir delinear quem eram, como se reconheciam, suas práticas e sua capacidade de ação diante das circunstâncias. Tratamos dos povos nativos que ocuparam a baía de Paranaguá no século XVI, os povos que a habitavam nos primeiros contatos com os europeus. A história oficial diz se tratar do povo Carijó, afirmam que esta baía marca o berço da civilização paranaense. Narram um primeiro encontro, uma conquista, e nada mais tratam desta população para a fundação das cidades. Tratam com naturalidade que estiveram aqui e simplesmente deixaram de existir. Com séculos de uma versão recontada, é impossível um resgate oral da ancestralidade ou uma busca factível das características de resistência que persistiram. Ainda assim, buscamos uma reconstrução histórica na qual possamos avaliar a agência dessa população. Investigamos a partir de duas fontes distintas: relatos de viajantes (Binot Paulmier de Gonneville, Álvaro Núñez Cabeza de Vaca e Hans Staden); e da literatura historiográfica oficial, obras referenciais locais (Antonio Vieira de Santos, Manoel Viana e Romário Martins). Nestas, buscamos componentes possíveis para compreender a participação ativa destes sujeitos na história, daremos luz, em contraponto, às impossibilidades e dificuldades para esse exercício. A metodologia da etno-história embasa esta análise, e ainda, provoca questionamentos sobre a utilidade das investigações históricas enquanto ciência ocidental para os povos indígenas da atualidade.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

